

A CRISE DO SUJEITO MODERNO NA POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Igor França Cordeiro (UERJ)

ig_franca@hotmail.com

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (UERJ)

carmenlucianegreiros@gmail.com

Em um primeiro momento, o livro “Eu” (1912), de Augusto dos Anjos, foi recebido pela crítica especializada como simples relato biográfico do autor, não obtendo um grande sucesso de vendas em sua primeira publicação. A crítica especializada também resumiu Augusto como poeta da ciência e do pessimismo. Em 1920, Órris Soares, amigo do poeta, retomou a obra com a proposta de revisão da produção do autor, dando-lhe novo olhar e suscitando a investigação dos elementos literários presentes nela. Posteriormente, o título “Eu” foi entendido como similar à alteridade da poesia de Fernando Pessoa e não uma autoafirmação de Augusto dos Anjos. Hoje pode-se ler que o “Eu” é uma problematização sobre a tradição poética, além de sinalizar de forma singular a crise do que se entendia por sujeito entre os dois séculos. O poeta mostra a corrosão dos esteios do que constitui o sujeito moderno, expressando assim uma crise da identidade, configurada pela ausência de crenças fixas derrubadas pelos trabalhos de Nietzsche, e outros intelectuais, através da desconfiança nas verdades universais seja no campo religioso, seja ao criticar a construção do saber e da razão.

Palavras-chave: Poesia. *Belle Époque*. Sujeito moderno. Augusto dos Anjos.